

As Conferencias do Curso Jacobina — O Capitão Amarante continuador dos trabalhos do General Rondon — A Pavorosa e Grande Resaca.

No dia 8 do corrente teve lugar a inauguração da serie de conferencias deste anno do curso Jacobina, no salão da Biblioteca Nacional, de que se encarregou o Dr. Agenor de Roure, Secretario da Presidencia da Republica.

Não ha palavras bastante de louvor, para pôr em relevo a iniciativa da Exma. Sra. D. Isabel Jacobina Lacombe, que constitue indubitavelmente um curso didactico de alto valor para quem deseja conhecer ou aperfeiçoar-se em assumptos historicos e scientificos, litterarios ect., desenvolvidos por especialistas e mestres abalisados.

Tivemos occasião de assistir á exposição cheia de interesse do senhor Agenor de Roure sobre o Governo de D. João VI no Brasil, e ficamos satisfeitos, não só, de aprender alguns detalhes pouco conhecidos, ou mesmo ineditos, a respeito da sua estadia aqui, como tambem o espirito elevado e imparcial com que os homens de talento e estudiosos começam, de certo tempo para cá, a fazer justiça ao serviços prestados ao Brasil pelo illustre soberano que não sendo brasileiro nato, tomou-se de verdadeiro carinho por esta boa e grande terra, adoptando boas e innumeradas iniciativas que foram ponto de partida de muitas das nossas instituições e serviços actuaes.

Durante os primeiros annos da Republica, reinou como era natural

até certo ponto, um espirito eivado de jacobinismo em relação as figuras dos principes de Bragança. Em relação a D. João VI o juizo que se expendia commumente era de que elle não passava de um comilão, indolente e pusillaneme que viera fugido de Portugal, acobardado diante da invasão do exercito expedicionario do general Junot, a quem Napoleão encarregara de occupar aquelle paiz.

Essa corrente de opinião foi se pouco a pouco modificando, devido aos estudiosos e investigadores de archivos como Vieira Fazenda, Oliveira Lima e outros, que ousaram vir contar a verdade a respeito de Dom João VI, mostrando que o Brasil muito lhe deve pois no meio de difficuldades sem numero e da falta de tudo, pela sua força de vontade tomou desde os primeiros dias da sua chegada a Bahia, medidas de alto des-cortino, como o decreto de abertura dos portos do Brasil á todas as nações que como bem sabemos foi o primeiro passo para a nossa vida de nação autonoma. Muitas das boas instituições de que hoje nos orgulhamos como a Biblioteca Nacional, o Museu, a Imprensa Nacional, a Academia de Bellas Artes, a Academia Medico-Cirurgica, a Casa dos Expositos, etc. assim como a iniciativa de muitos serviços da cidade, como hygiene, policia, agua, illuminação, etc. foram obra d'elle. Como muito bem disse o Sr. Agenor de Roure: « elle

errou e errou mesmo muito », mas só não erra, neste mundo, quem nada emprehende.

Balanceados porém os erros com os serviços durante os 13 annos da estadia de D. João VI (1808 a 1821) no Brasil, resulta um grande saldo em favor dos serviços e beneficios, o que fazem d'elle um dos benemeritos servidores do nosso paiz, merecendo a sua memoria toda nossa veneração e ficando o seu nome inscripto entre a dos nossos maiores patriotas.

Quanto ao habil e modesto *jeu de mots* do fecho da conferencia do Sr. Agenor que usou da palavra *bocejo* para pedir desculpas aos assistentes não podemos deixar passar sem protesto.

Si D. João VI tinha por habito bocejar em publico, isso era naturalmente devido á digestão difficil do *comilão*, e emquanto que a boa e interessante licção lida pelo Sr. Agenor só produziu boa digestão no espirito dos innumerados assistentes da conferencia e por conseguinte não podia produzir *bocejos*.

Em todo caso si elle na sua modestia acha que deve ter havido quem alli bocejasse, será o caso de pedir-lhe que de vez em quando provoque tão uteis bocejos com as suas preleções tão instructivas, e parabens á Sra. D. Isabel Jacobina por ter proporcionado taes bocejos!

Selesta - De 23 de Junho de 1921.